

Dirigentes dos PALOP afirmam

O Jornal 2/9/88 p. 1-AF

Relações com Portugal nunca foram tão boas

José Alberto Machado

As relações são óptimas. Afirmam-nó dirigentes dos países africanos de língua oficial portuguesa, numa convicção nunca antes vista.

Assim, vistos os contactos de uma forma simplista, poderia parecer que tudo corre às mil maravilhas e que Portugal recupera o tempo perdido. A realidade é, contudo, bem diferente.

O governo de Cavaco Silva tem sido o destinatário dos

mais rasgados elogios dos dirigentes africanos, que o fazem em contraposição às atitudes de governos portugueses anteriores.

Em boa verdade, os governos de Cavaco Silva, primeiro por Azevedo Soares, agora com Durão Barroso, inverteram o tipo de relacionamento, passando-o para um campo da intervenção política. Foi isso que os PALOP's apreciaram.

E os dois temas escolhidos pelo governo português tinham a magnitude suficiente para deixar marcas: o conflito em

Angola e o processo da barragem de Cahora Bassa.

Quanto à guerra em Angola, pelos dados até ao momento disponíveis, Cavaco e o seu governo perceberam que o interesse português está em manter relações e estreitá-las com o poder estabelecido em Luanda. O que tocou angolanos e os restantes países.

Quanto ao processo de Cahora Bassa, Portugal deixou o papel passivo, e liderou sem complexos o processo. Não teve pejo em acusar o regime de Pretória de ser o responsável pelas destruições dos postes de

transporte de energia e pelos vultosos prejuízos que Portugal vem sofrendo. Não teve receio quando os sul-africanos jogaram para a mesa a ameaça de repatriamento da comunidade portuguesa, porque sempre soube que Pretória não se atreveria a expulsar quase um milhão de cidadãos... brancos. Não teve dúvidas em indicar que em caso de fracasso nas negociações inverteria a sua posição em relação à África do Sul passando a apoiar *activamente* Moçambique e Angola.

Por isto, por uma outra ati-

tude face ao complexo problema das dívidas, o ambiente melhorou, as portas da cooperação abriram-se ainda mais. No entanto, o processo só terá sentido se tiver continuidade, não na mesma linha mas num coerente projecto, fundamentado na expansão da língua portuguesa, em que o arrojo seja patente, e de que a ideia de pequenez esteja definitivamente afastada.

Alguns dados conhecidos quanto à reformulação das instituições ligadas à cooperação fazem pensar estar-se no bom

sentido, mas o tempo urge, porque num rápido processo de transformação como o da África Austral, os espaços vão sendo rapidamente ocupados e, carenciados como estão, os países africanos não podem esperar.

A próxima visita de Cavaco Silva a Moçambique poderá ser o ensejo para uma nova afirmação de Portugal, se mais do que promessas o primeiro-ministro português pragmaticamente for portador de realidades, como por exemplo a que os moçambicanos esperam: a da cooperação militar.